



PROJETO **MEDICINA**
VETERINÁRIA
DE **ABRIGOS**

Medicina de Abrigos:
Guia do
Voluntariado



Medicina Veterinária do
Coletivo – UFPR

Lucas Galdioli, Heloise Zavatieri
Polato, Luis Fernando Turozi
Mausson, Cintia Parolim Ferraz
e Rita de Cassia Maria Garcia



MEDICINA DE ABRIGOS: GUIA DO VOLUNTARIADO

Editores e Organizadores:

Lucas Galdioli
Heloise Zavateri Polato
Luis Fernando Turozi Mausson
Cíntia Parolim Ferraz
Rita de Cassia Maria Garcia

Apoio:

Instituto PremieRpet®

1ª Edição: abril, 2021



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-Não Comercial 4.0 Internacional.

G149

Galdioli, Lucas

Medicina de abrigos: guia do voluntariado [recurso eletrônico]. / Lucas Galdioli, Heloise Zavateri Polato, Luis Fernando Turozi Mausson, Cintia Parolim Ferraz, Rita de Cassia Maria Garcia (Editores e Organizadores). – Curitiba : MVC, 2021.

1.131 Kb – 36 p.: il. col.

1. Medicina veterinária. 2. Animais - Proteção. 3. Trabalho voluntário em abrigos para animais. I. Título. II. Universidade Federal do Paraná. III. Medicina Veterinária do Coletivo - UFPR (MVC).

CDD 636.089

Catálogo na Fonte UFPR – Sistema de Bibliotecas - SIBI
Bibliotecário: Guilherme Luiz Cintra Neves - CRB9/1572

Prefácio

A Medicina de Abrigos é uma vertente da medicina veterinária que contempla uma série de medidas éticas e humanitárias em prol do bem-estar animal. É uma área em ascensão no Brasil, de grande importância sanitária, epidemiológica e ambiental. Ela salva vidas diariamente – de animais humanos e não humanos –, já que respeita o indivíduo como um ser integral e tem um olhar holístico para a Medicina Veterinária Preventiva, para a saúde pública e para o bem-estar animal. Essa área envolve também o controle de zoonoses, o comportamento animal, o manejo populacional canino e felino, a bioética e o gerenciamento de recursos humanos, entre outros importantes assuntos relacionados à medicina veterinária.

No Brasil, essa ciência possui informações e estratégias baseadas em dados científicos limitados. Dessa forma, ainda são necessários maiores estudos nessa área, assim como incentivos e sua difusão nas faculdades de medicina veterinária.

Atualmente, a Universidade Federal do Paraná (UFPR) trabalha com a Medicina de Abrigos, abordando o assunto não só com alunos da graduação, mas também em seu Programa de Residência Multiprofissional, na área de Medicina Veterinária do Coletivo, na qual os médicos-veterinários residentes fornecem consultoria para os abrigos parceiros a fim de melhorar o nível de bem-estar dos animais. Essa experiência está vinculada à parceria com o Instituto PremieRpet®, com o objetivo de difundir e fomentar conhecimentos e boas práticas da Medicina Veterinária de Abrigos junto aos médicos-veterinários, profissionais e voluntários que atuam nas ONGs de cães e gatos, colaborando para o aumento do bem-estar e das taxas de adoção nessas instituições. A parceria entre a UFPR e o Instituto PremieRpet® auxilia, ainda, no desenvolvimento da Medicina de Abrigos no Brasil, fomentando pesquisas e a produção de diretrizes e protocolos.

Sumário

I. Introdução.....	4
II. Abrigos.....	6
III. Voluntariado.....	9
IV. Comportamento animal	16
V. Momentos de reflexão.....	30
VI. Sugestões de Leituras	30
VII. Referências.....	32
VIII. Anexos	34

I. Introdução

As desigualdades sociais e as estruturas socioeconômicas e políticas impactam todos os seres, inclusive os animais, que fazem parte da sociedade e são afetados direta ou indiretamente. O abandono de cães e gatos em áreas urbanas é um problema enfrentado pela maioria dos países no mundo. Nos países emergentes e subdesenvolvidos, o abandono afeta negativamente e de forma mais intensa a saúde humana, com impactos na saúde animal e equilíbrio ambiental, envolvendo a transmissão de zoonoses, ataques e mordeduras, predação da fauna silvestre, acidentes de trânsito e maus-tratos aos animais.

É de extrema importância a implementação de políticas públicas para o controle e prevenção ao abandono de animais, especialmente por meio de programas de manejo populacional de cães e gatos, com estratégias para o controle reprodutivo, registro e identificação, educação em guarda responsável, controle do comércio, participação social, legislação pertinente à guarda responsável e manutenção de bons níveis de bem-estar dos animais. Junto a isso, é preciso dar especial atenção aos abrigos e lares temporários, para a recuperação de animais abandonados até a sua adoção.

Os abrigos de animais devem funcionar como casas de passagem, aplicando os 4 “R” dos programas de manejo populacional de cães e gatos: resgate seletivo, recuperação, ressocialização e reintrodução na sociedade por meio da adoção. Esses objetivos só serão alcançados se o abrigo tiver políticas internas bem definidas, com estrutura física adequada, recursos humanos capacitados e investimento em ações preventivas e na promoção da adoção.

Entre as áreas de atuação da Medicina Veterinária do Coletivo está a Medicina de Abrigos, com grande importância sanitária, ambiental, legal e social, dedicada ao estudo dos fatores que influenciam a manutenção de animais no coletivo, a fim de promover melhor qualidade de vida de cães e gatos abrigados ou institucionalizados. Essa atuação está relacionada à medicina veterinária preventiva, à promoção da saúde dos indivíduos, famílias, comunidades e ao bem-estar dos animais. Inclui tanto as políticas externas, referentes às estratégias de manejo populacional de cães e gatos e vigilância ao abandono implantadas na cidade ou região de sua localização, como as internas, referentes aos programas preventivos de doenças infecciosas e que incluem estratégias para a manutenção de bons níveis de bem-estar dos animais.

A falta de conhecimento e experiência em Medicina de Abrigos tem um impacto direto sobre os animais do abrigo, a saúde coletiva e o meio ambiente, uma vez que animais adotados podem ser novamente abandonados por não terem sido tratados de forma adequada, física e psicologicamente. Destaca-se, então, a importância de contar com mais recursos humanos para auxiliar nas atividades dos abrigos, especialmente daqueles considerados voluntários.

Este guia foi desenvolvido com o objetivo de:

- Demonstrar a importância e aumentar a consciência social, sanitária e epidemiológica dos abrigos na sociedade;
- Subsidiar os gestores na capacitação e inserção de voluntários em abrigos;
- Demonstrar a importância e os benefícios do trabalho voluntário para os abrigos;
- Orientar os voluntários para que possam atuar em consonância com as boas práticas de medicina de abrigos, promovendo experiências positivas para os animais;
- Subsidiar os voluntários de informações que possam auxiliá-los nas atividades de apoio aos abrigos por meio de serviços diretos (manejo e socialização com os animais) ou serviços indiretos (arrecadação de fundos, trabalho administrativo).

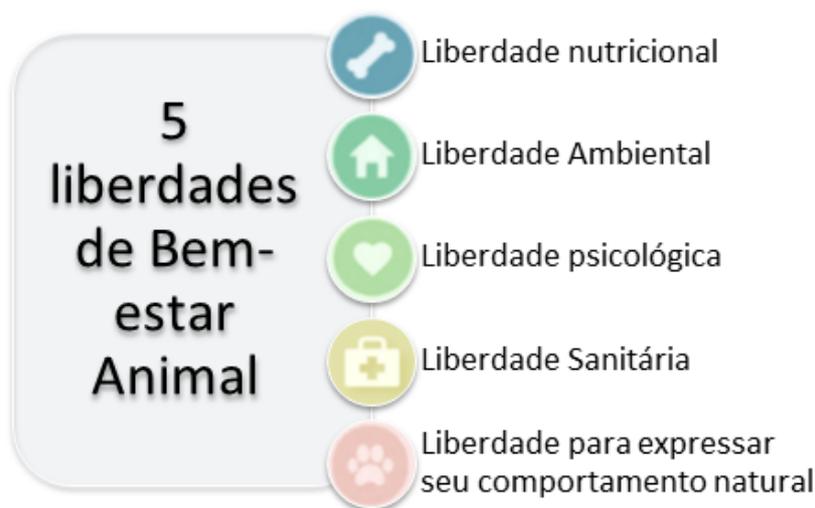
II. Abrigos

a. Definição

Os abrigos têm como objetivo ser um refúgio seguro para os animais que deles precisam e funcionar como local de passagem, buscando reabilitação e ressocialização para reintroduzi-los na sociedade por meio da adoção. Devem funcionar como um núcleo de referência em programas de cuidados veterinários, bem-estar animal e projetos educativos quanto à guarda responsável, trabalhando para a prevenção do abandono. Podem ser de responsabilidade governamental, privada, de Organizações Não Governamentais (ONG) ou mista. Suprir as necessidades dos animais nos abrigos não é uma tarefa simples, requer muito planejamento e comprometimento de todos os envolvidos, sejam eles voluntários e/ou funcionários.

Os animais de estimação são seres sencientes, ou seja, dotados de sentimentos e emoções, com capacidade de sentir, estar consciente de si próprio e do ambiente que o cerca. Há alguns indicadores utilizados para identificar e medir o grau de bem-estar animal, considerando as cinco liberdades de acordo com seu estado físico, mental e natural (Figura 1). A fim de garantir o bem-estar, preconiza-se a “guarda responsável”, na qual um cidadão, ao decidir conviver com um animal de estimação, assume uma série de deveres centrados no atendimento das necessidades físicas, psicológicas e ambientais do animal. O tutor também deve assumir a responsabilidade de prevenir os riscos potenciais de agressão, transmissão de doenças ou danos que ele possa causar à comunidade e ao meio ambiente, de modo a garantir uma existência digna e saudável.

Figura 1 – Cinco liberdades dos animais.



Fonte: Adaptado de Webster, 2016, pág. 3.

b. Papel das ONGs na sociedade

A sociedade civil organizada, no nosso caso as organizações não governamentais de proteção animal, são criadas para suprir os serviços públicos em inúmeras áreas de necessidade social, e fazem parte do chamado Terceiro Setor. As entidades de proteção e defesa animal são caracterizadas por desenvolverem ações solidárias, diretas ou indiretas, que envolvem a promoção do bem-estar dos animais. Essas entidades corroboram com a educação da sociedade quanto à guarda responsável, combate aos maus-tratos, crueldade, abuso, sofrimento e abandono das diferentes espécies de animais, indistintamente, contribuindo com a saúde coletiva. Auxiliam, também, na criação de políticas públicas para animais em situação de vulnerabilidade, exercendo pressão social para a proteção e defesa desses animais, principalmente pela implantação de políticas para o manejo populacional de cães e gatos (MPCG) e proposição de projetos de leis que impactam direta e indiretamente proteção e defesa dos animais.

Idealmente, essas organizações devem funcionar legalmente, com registro em cartório, cadastro nacional de pessoa jurídica (CNPJ) e inscrição municipal e/ou estadual, e podem ter seu trabalho reconhecido como de utilidade pública. Dessa forma, os abrigos podem compor sistemas de gestão municipal indireta, como conselhos de direito, de proteção e/ou defesa animal, de meio ambiente e até mesmo o de saúde. Podem também ser representantes legais que compõem os segmentos de participação social de acordo com a Constituição brasileira, as leis orgânicas de estados e dos municípios.

c. Bem-estar animal nos abrigos

Um dos alicerces da Medicina de Abrigos está relacionado ao bem-estar animal, que visa suprir as necessidades físicas, psicológicas e sanitárias de cada um dos alojados, estando diretamente relacionado aos recursos financeiro, humano e estrutural do abrigo, e tornando-se um desafio pela necessidade de planejamento, organização e disciplina.

A ciência do bem-estar animal estuda como os animais se sentem frente a diversas situações e, por isso, tem o poder de promover melhorias significativas na vida deles. A saúde e o bem-estar dependem da satisfação das necessidades comportamentais, emocionais, físicas e ambientais. Cada animal tem uma variedade de necessidades psicológicas, determinadas por fatores como sexo, espécie, genética, personalidade, socialização primária e experiências anteriores, e que impactam nas necessidades da população mantida coletivamente no abrigo. Um dos conceitos mais aceitos sobre bem-estar é “o estado de um indivíduo em se adaptar ao seu meio”, isto é, a sua capacidade física e psicológica de lidar com os desafios apresentados e que impacta cada animal de forma diferente.

Alguns cuidados básicos para melhoria da qualidade de vida dos animais são:

- Alimento de qualidade acessível, que atenda às demandas nutricionais da espécie de acordo

com a fase da vida em que se encontra e em quantidade suficiente para suprir sua necessidade energética, de acordo com o porte, espécie, raça e estilo de vida. A água deve estar límpida e fresca, em local acessível e à vontade;

- Comedouros e bebedouros devem ser lavados diariamente e estar em locais com sombra, livres de insetos ou outros animais, como roedores, e longe das áreas destinadas às fezes e urina;
- Administração de vacinas recomendadas, no dia da admissão do animal no abrigo, bem como de vermífugo e ectoparasiticidas;
- Acompanhamento de um médico-veterinário para prevenção, diagnóstico e tratamento rápidos de dores e doenças;
- Castração do animal, assim que possível;
- Ambiente que possua abrigo contra sol e chuva, temperatura confortável, superfície macia para descanso e/ou que esteja adaptada às necessidades específicas do animal, de modo que ele consiga deitar, ficar em pé, girar e saltar, além de um espaço devidamente enriquecido com brinquedos e objetos específicos para a espécie, visando a expressão do comportamento natural;
- Respeitar os limites de cada um e estar atento a sinais que alertem para desconforto e potencial risco de agressão, como latir, rosnar, mostrar os dentes, pelos eriçados, orelhas baixas e para trás. Um animal em seu estado normal deve brincar, se exercitar, explorar o ambiente, interagir de forma positiva com outros animais e/ou com os humanos que convive.

III. Voluntariado

a. Definição e legislação

De acordo com a Lei Federal nº 9.608/98, o trabalho voluntário é definido como a atividade não remunerada prestada por pessoa física a entidades públicas de qualquer natureza ou instituições privadas de fins não lucrativos que tenham objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência à pessoas.

Qualquer pessoa pode ser voluntária, basta ter motivação e espírito solidário para doar talento, tempo e trabalho para causas sociais e comunitárias, por vontade própria e sem receber remuneração. O trabalho voluntário não caracteriza vínculo empregatício e, portanto, não é regido pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Isso significa que o voluntário não tem os mesmos direitos que são garantidos, por lei, para os empregados de uma empresa. A regulamentação do trabalho voluntário está na Lei nº 9.608/98, conhecida como Lei do Voluntariado, que pode ser acessada através do *QR code* ao lado.



O trabalho voluntário exige o mesmo grau de responsabilidade exigido em uma empresa. Para trabalhos voluntários é essencial ter características de uma pessoa engajada, altruísta, assídua, disciplinada, pontual, ter boa vontade, paciência, prontidão, espírito de equipe e agir conforme os princípios da ONG. O voluntário deve assinar e entregar ao responsável o Termo de Adesão (Anexo 1) para oficializar o seu trabalho. O Termo de Adesão pode ser modificado ou adequado ao modelo utilizado pela ONG, caso o tenha.

b. Capacitação

É essencial que haja conhecimento sobre o voluntariado, os direitos e deveres como voluntário e as possibilidades de realizar este tipo de ação. É importante ainda conhecer o histórico do abrigo, a sua visão e missão; os funcionários e gestores; a estrutura física e os protocolos existentes. Ao conhecer o cenário e o universo no qual estará inserido, o voluntário poderá se preparar melhor para sua atuação.

c. Perfil dos voluntários para os abrigos

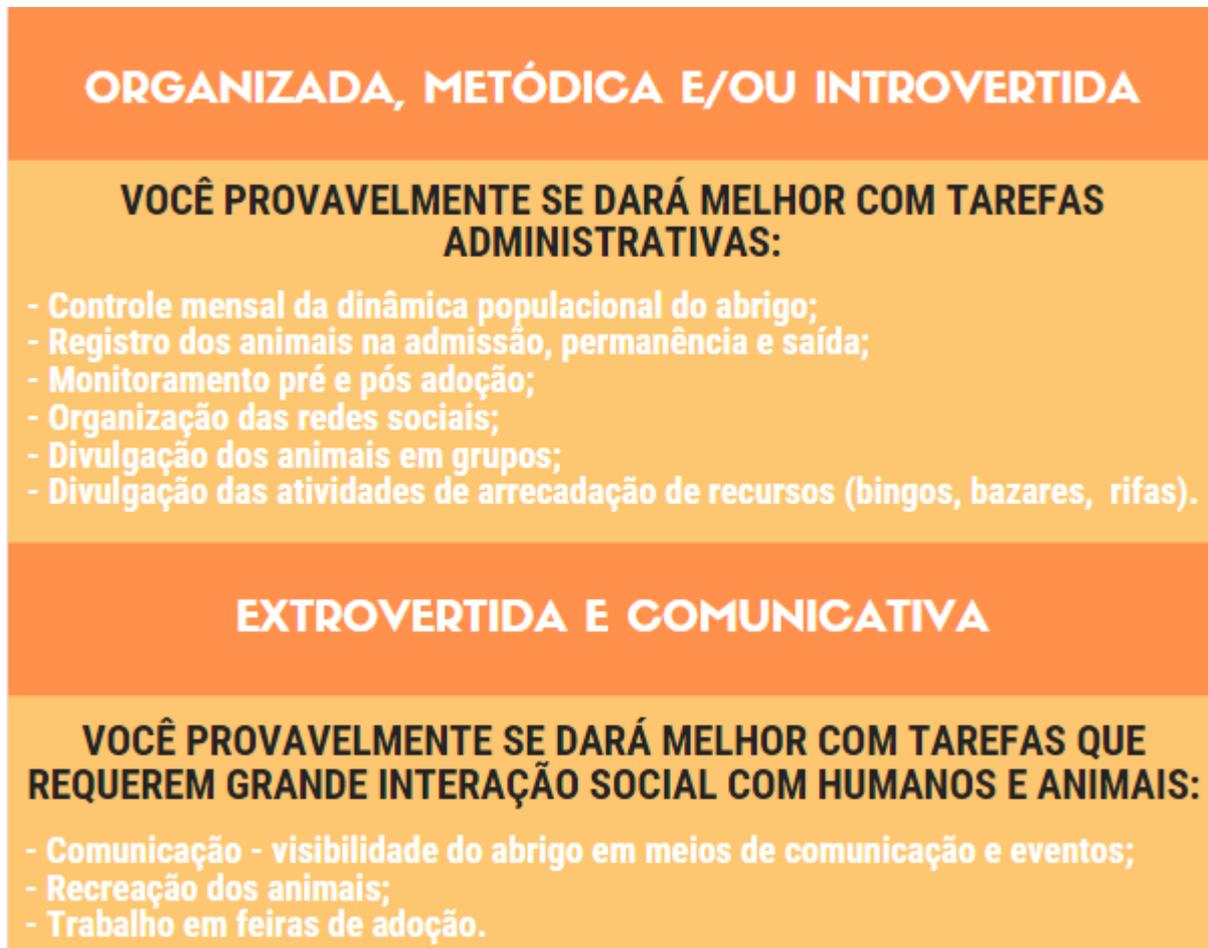
O primeiro item importante para ser um voluntário ideal é querer ajudar. Além disso, é essencial ter tempo e comprometimento. Voluntário é como um “funcionário sem remuneração” que deve ter horários fixos e funções definidas. Posteriormente, o voluntário deve conhecer o seu perfil para avaliar de que maneira sua ajuda seria melhor aproveitada.

Os voluntários de abrigos precisam se interessar pela proteção e defesa dos animais e

conhecer seus deveres e direitos. Além disso, é necessário saber a importância das ONGs na sociedade e ter conhecimento sobre bem-estar, comportamento e linguagem corporal dos animais para garantir a segurança do público, dos abrigados e de si mesmos.

Dentro dos abrigos há diversas funções e ações que os voluntários podem realizar. A Figura 2 demonstra algumas delas de acordo com o perfil do voluntário.

Figura 2 - Funções e ações que voluntários podem desenvolver de acordo com seu perfil.



Fonte: os autores, 2021.

Todo voluntário deve passar por um treinamento para ter compreensão do comportamento animal, em especial, da linguagem corporal dos animais. É importante entender as características dos animais do abrigo e o que eles estão querendo nos dizer para garantir que as interações sejam seguras e agradáveis para eles e que o voluntário possa reconhecer quando os animais estão apresentando dor, doença, estão felizes ou apresentando estado emocional negativo, como medo e frustração, ou quando podem atacar.

O voluntário deve usar roupas apropriadas para ter contato com os animais, conhecer o fluxo de transmissão das principais doenças, ter conhecimentos dos Equipamentos de Proteção Individual (EPIs), de acordo com a área e local onde está atuando, bem como os protocolos

operacionais padrão da ONG, desde o manejo dos animais até trabalhos administrativos. Esteja preparado para ficar um pouco sujo e, caso tenha uma atividade de contato direto com os animais, use calças compridas e sapatos fechados, mesmo nos meses de verão.

d. Benefícios

Pesquisas mostram que o trabalho voluntário melhora a saúde física e psíquica, reduz o estresse e libera neurotransmissores que elevam a sensação de bem-estar. O autor Allan Luks reforça os benefícios do voluntariado no livro *The Healing Power of Doing Good* (O Poder Curativo de Fazer o Bem) no qual cita que “quem realiza pelo menos quatro horas de trabalho voluntário por mês tem dez vezes mais chances de ter uma boa saúde do que quem não voluntaria”. No entanto, a prática dessa atividade tem que ser originada por um desejo genuíno de ajudar o próximo.

Alguns dos benefícios que o trabalho voluntário proporciona são:

- Melhora a saúde física e mental;
- Possibilita o descobrimento de novas habilidades e o desenvolvimento de ideias inovadoras;
- Abre espaço para conhecer novas pessoas;
- Reduz o estresse e evita a depressão;
- Permite a aplicação de talentos pessoais;
- Aumenta a sensação de realização;
- Faz com que a pessoa se sinta valorizada;
- Revela novas realidades e suas dificuldades;
- Ensina a trabalhar em equipe, aprender com os outros e obter experiência na área.

Além dos benefícios supracitados, como um voluntário em abrigo de animais você ajudará uma parcela da população que faz parte da minoria e que está inserida na luta pelo equilíbrio saudável entre animais humanos, não humanos e o meio ambiente, corroborando para questões de Saúde Pública e Saúde Única. O papel dessas ONGs é fundamental, pois ajudam diversos animais que são abandonados, passam por situações de maus-tratos e crueldade, ajudando a suprir uma necessidade social.

O voluntário ajudará animais que estão sem receber o carinho e o amor que poderiam ter dentro de uma casa, resultando na ressocialização, aumento da saúde psicológica, física e qualidade de vida deles. Ajudando abrigos, você pode ter/trazer alguns benefícios como:

- Aprender sobre o comportamento e o manejo saudável dos animais;
- Aprender a educar os animais (adestramento básico);
- Contribuir com o bem-estar das pessoas que trabalham no abrigo;
- Contribuir para o bem-estar dos animais e do ambiente;

- Aprender sobre zoonoses, guarda-responsável, saúde única e saúde pública;
- Compreender questões relativas ao direito animal e entender que todas as vidas são importantes, independentemente da espécie;
- Melhorar o humor e reduzir o estresse, contribuindo positivamente na saúde emocional;
- Fazer mais atividade física, pois o acompanhamento no abrigo é um estímulo físico e mental e libera hormônios que fazem você se sentir bem;
- Reunir grupos de amigos ou colegas de trabalho e passar um tempo com os animais. É uma ótima atividade de ligação que inspira outras pessoas a começarem o trabalho voluntário por conta própria;
- Construir novas amizades;
- Preparar você para adotar, se tiver esse desejo. O voluntariado ajuda a decidir se é o momento certo para adotar um animal de estimação em situação de abrigo. Você aprenderá rapidamente com quais comportamentos deseja trabalhar e qual tipo de animal de estimação é o mais adequado para sua família.

e. Atividades e ações dos voluntários em abrigos de animais

As atividades e ações no abrigo são importantes e ajudam a elevar o grau de bem-estar dos animais e dos funcionários. No entanto, todas as práticas devem ser discutidas e planejadas com os gestores para identificar qual a melhor atuação de acordo com a realidade do abrigo. Abaixo estão listadas algumas práticas que o voluntário pode realizar em abrigos de animais (Anexo 2).

- Participar de mutirões de banho e carinho nos cães:
 - Durante o contato com os animais, os voluntários poderão verificar a presença de feridas, bicheiras, bernes, carrapatos, pulgas, sarna e outras enfermidades, tendo que auxiliar na manutenção da saúde física dos animais.
- Realizar serviços estruturais:
 - Limpeza dos canis, pintura de casinhas, paredes e portões, montagem de tabladros, entre outros.
- Realizar serviços administrativos:
 - Digitação das notas fiscais sem CPF doadas virtualmente e notas impressas doadas em pontos de coleta e em eventos;
 - Controle mensal da dinâmica populacional dos animais;
 - Registro dos animais (identificação em banco de dados, relatórios individuais).
- Auxiliar em ações pré e pós adoção:

- Socialização e compartilhamento de fotos dos animais nas mídias sociais;
- Assistência em eventos de adoção dos animais:
 - Banho e transporte dos animais;
 - Cuidar dos animais nas feiras para não fugirem dos cercados;
 - Avaliar o comportamento do animal para evitar que esteja em estado emocional negativo (é importante conhecer o temperamento do animal);
 - Realizar a limpeza dos dejetos;
 - Ajudar na entrevista pré-adoção ao avaliar o perfil do adotante, a motivação e necessidade da família para adoção, por meio de entrevista e/ou questionário estruturado e completo, de forma a desaconselhar pessoas que desejam adotar por impulso;
 - Ajudar no monitoramento pós-adoção com visitas e contato com os adotantes para verificar a adaptação do cão ou gato ao novo ambiente, e questões referentes ao bem-estar e qualidade de vida do animal adotado.
- Ajudar em questões socioeducativas que conscientizem a população sobre a importância da guarda responsável e a valorização do animal, enquanto indivíduo;
- Ajudar com o *design* para desenvolvimento de novos produtos (novas estampas de camisetas, canecas, adesivos);
- Auxiliar na organização de eventos para arrecadação financeira;
- Auxiliar no resgate e transporte de animais para clínicas veterinárias e para o abrigo;
- Divulgação do trabalho da ONG em clínicas veterinárias, pet shops e estabelecimentos que possam se interessar em colaborar;
- Ajudar na coleta de doações;
- Ajudar na postagem de fotos dos animais disponíveis para adoção em redes sociais do abrigo:
 - Fique atento nessas dicas que podem orientar um registro adequado ao tirar a foto:
 - Preste atenção na luz. Evite lugares pouco iluminados ou fotos contra a luz;
 - Fique longe de reflexos brilhantes e outros clarões;
 - Pense em uma composição harmônica. O enquadramento é tudo!
 - Use a regra dos terços: Imagine duas linhas horizontais e duas verticais cruzando-se, como um jogo da velha sobre a imagem. Deixe os elementos de interesse ficarem nas intersecções.
 - Cuidado para não perder o foco e a foto ficar tremida;
 - Procure manter a face do animal no foco, no centro da imagem. Se possível, faça o animal olhar diretamente para a câmera;

- Use uma câmera com boa definição e qualidade;
- Evite postar fotos de animais debilitados, mesmo que seja para pedir recursos financeiros para reabilitação;
- Lembre-se: peça permissão para o uso de imagem.

Para voluntários da área de medicina veterinária, algumas ações, além das citadas, podem ser (Anexo 3):

- Manejo clínico dos animais (auxílio no manejo de feridas e medicações, por exemplo);
- Capacitação dos funcionários sobre zoonoses e medicina de abrigos;
- Diagnóstico situacional do abrigo e da capacidade de prover cuidados;
- Monitoramento diário do comportamento dos animais;
- Manejo nutricional dos animais;
- Auxílio nos protocolos sanitários dos animais (vacinação, vermifugação e higiene, por exemplo);
- Auxílio no manejo reprodutivo dos animais (avaliar parcerias com o poder público para as esterilizações; verificar a existência de programas de manejo populacional no município; caso o abrigo tenha estrutura para realizar esterilizações cirúrgicas, auxiliar em protocolos no pré, trans e pós cirúrgico, por exemplo);
- Avaliações técnicas do grau de bem-estar e estratégias para aumentar a qualidade de vida dos animais;
- Criação de um plano de contingência em casos de desastres;
- Elaboração e implementação de um plano de gerenciamento de resíduos.

f. Segurança durante as atividades

O conhecimento sobre zoonoses, medidas preventivas e linguagem corporal dos cães e gatos é essencial para manter a sua segurança, de outras pessoas e dos animais durante a realização das atividades.



As zoonoses são doenças ou infecções naturalmente transmissíveis entre animais vertebrados e seres humanos. A transmissão dessas doenças pode ocorrer pelo contato direto com o animal doente, ou contato com urina, fezes e secreções eliminadas por eles. As zoonoses são doenças importantes causadas principalmente por vírus, bactérias, parasitas e protozoários.

Esteja ciente que em nenhum momento o animal deve ser atacado, corrigido ou repreendido com ações negativas, como puxar a guia ou a coleira. O voluntário deve ter conhecimento básico

sobre condicionamento operante.

A técnica que utiliza os reforços positivos e negativos é a técnica do condicionamento operante, com o princípio fundamental de que o comportamento é determinado por suas consequências. O condicionamento operante oferece duas opções básicas de manejo de comportamento: reforço positivo (adição de um estímulo) e reforço negativo ou fuga/esquiva (remoção de um estímulo). Ambas aumentam a probabilidade de que um comportamento aconteça. Para aprender mais, procure informações através de um médico-veterinário que tenha conhecimento específico na área de etologia e psiquiatria animal.

Segurança para você e para os animais

Algumas medidas são importantes antes de entrar em contato com os animais dos abrigos.

É importante que o voluntário tenha:

- Vacinação ou sorologia contra raiva e tétano;
- Conhecimentos básicos de prevenção e manejo de doenças zoonóticas, como raiva, leptospirose, esporotricose, outras micoses e outras zoonoses endêmicas da região em que o abrigo está alocado;
- Conhecimento básicos sobre comportamento dos animais. Sempre observe os animais antes de manejá-los, se algum apresentar comportamentos com os quais você não está treinado ou confortável para trabalhar, não interaja.

Lavagem das mãos

Pode parecer básico, mas lavar as mãos é um dos passos mais importantes para reduzir a transmissão de doenças infecciosas em um abrigo!

Lave as mãos quando:

- Aparentemente estiverem sujas ou contaminadas;
- Antes de comer;
- Depois de usar o banheiro;
- Antes e depois do contato direto com animais ou com fluidos corporais;
- Ao mudar de um canil/gatil para outro onde teve contato com os animais;
- Depois de retirar as luvas;

As mãos devem ser lavadas com água e sabão neutro ou sabão que contém antisséptico. Se as mãos não estiverem visivelmente sujas, um esfregão à base de álcool pode ser usado temporariamente. No entanto, os géis à base de álcool não substituem a lavagem das mãos.

Figura 3 - Lavagem correta das mãos.



Fonte: Instituto de Higiene e Medicina Tropical, 2020.

IV. Comportamento animal

a. Linguagem corporal

Antes da aproximação com os animais, é importante entender o seu comportamento, a fim de evitar acidentes. Os animais se comunicam uns com os outros e conosco usando uma

linguagem não verbal. Por meio da sua linguagem corporal, eles expressam como estão se sentindo em relação ao ambiente em que se encontra.

É importante avaliar todo o corpo do cão e do gato: olhos, orelhas, boca, cauda, pelos, postura, movimento geral do corpo. É de vital importância considerar o corpo e o contexto, para realmente “ouvir” o que eles estão dizendo. Prestar atenção aos sinais pode ajudar na conexão com o animal e na adaptação às suas necessidades.

b. Linguagem corporal de cães

Expressões Faciais dos Cães:

Olhos

- Olhos mais redondos que o normal quando o animal se sente tenso;
- “Branco dos olhos” (esclera) aparente para demonstrar medo ou agressividade;
- Pupilas dilatadas quando o animal se sente ameaçado.



Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014.

Boca

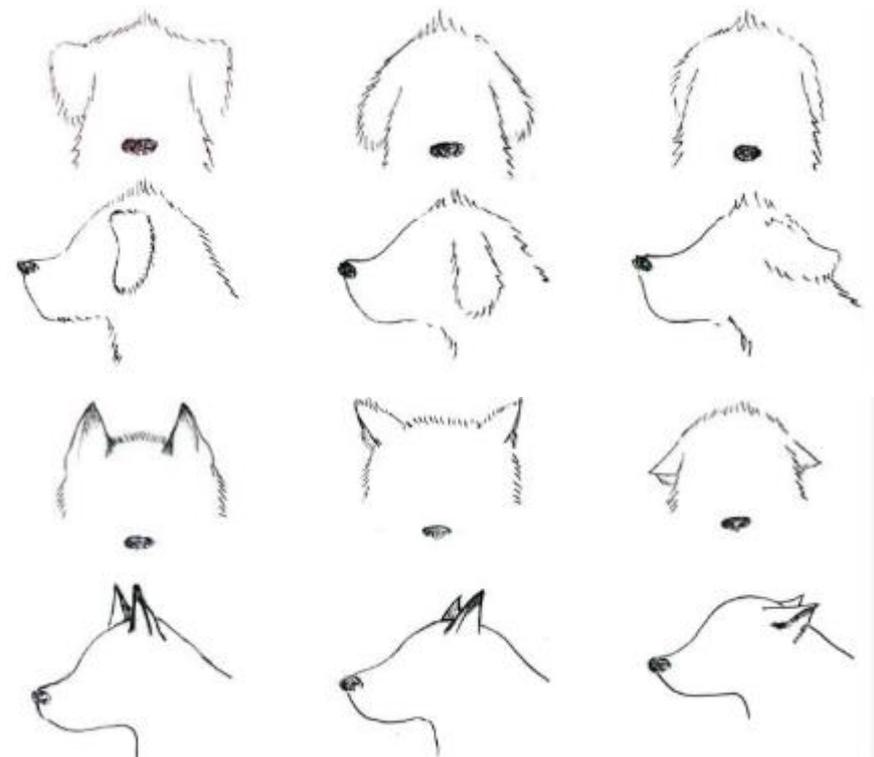
- Um animal relaxado normalmente apresenta a boca entreaberta, não apresentando tensão na face;
- Lábios puxados para trás indicam medo e tensão;
- Focinho enrugado indica agressividade e alerta de ataque;
- Bocejos e lambedura do focinho indicam situações estressantes.



Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014.

Orelhas

- Relaxado: orelhas levemente postas para trás ou para os lados;
- Incomodado: orelhas apontando para frente e/ou para o objeto de interesse;
- A testa normalmente fica enrugada quando as orelhas apontam para frente.



Fonte: Hasegawa, M.; Ohtani, N. e Ohta, M., 2014.

Expressões Posturais dos Cães:

Posição relaxada

- Cabeça elevada;
- Orelhas levantadas;
- Boca e cauda relaxados;
- Postura corporal adequada (posição quadrupedal e sem estar em movimentos de extensão e flexão).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição de alerta

- Peso corporal sobre as patas da frente;

- Cauda levantada;
- Focinho tenso e lábios levantados;
- Orelhas levantadas para frente;
- Olhos abertos e focados.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição agressiva

Quando afetados negativamente pelos estímulos, os cães podem se tornar agressivos/ofensivos, apresentando as seguintes características:

- Lábios enrolados e dentes à mostra;
- Rosnado;
- Inclina-se para frente;
- Pelos eriçados;
- Cauda rígida e levantada;
- Olhar fixo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição defensiva

Quando ameaçados, os cães podem dar sinais de alarme. Assim, podem apresentar:

- Orelhas para trás;
- Pupila dilatada;
- Pelos eriçados;
- Focinho tenso, enrugado e rosnando;
- Dentes expostos;
- Cauda baixa e tensa;
- Peso corporal apoiado nas patas.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição inclinada

Posição pacífica que demonstra que o animal quer evitar conflitos. Nessas situações, os cães apresentam:

- Olhos semiabertos e piscando;

- Orelhas para trás;
- Boca quase fechada e ponta da língua para fora;
- Patas levantadas;
- Cauda abaixada, com movimentos lentos.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Ato de rolar no chão

Rolar no chão é ainda mais pacífico que a posição inclinada. É também usado para evitar conflitos. Nessa situação, os cães podem apresentar:

- Orelhas inclinadas para trás;
- Abdômen exposto para cima;
- Contato visual indireto;
- Cauda dobrada e liberação de gotículas de urina.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento materno agressivo

Algumas mães podem comportar-se assim para corrigir o comportamento dos filhotes. Nesses casos, apresentam as seguintes atitudes:

- Mãe posiciona o focinho ao redor da cabeça ou focinho do filhote, pode rosnar;
- Filhote responde repousado no chão e pode choramingar. Mantém a cauda dobrada e pode levantar as patas.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Convite para brincadeira

Quando os cães estão receptivos à brincadeira e interação social, podem apresentar a seguinte postura:

- Cauda levantada e corpo relaxado;
- Orelhas levantadas,
- Olhos calmos (olhos não vidrados e em isocoríase - pupilas nem dilatadas e nem contraídas e com diâmetros iguais);
- Boca aberta, língua para fora, expressão relaxada;
- Corpo abaixado e quadril levantado, pronto para saltar para frente.



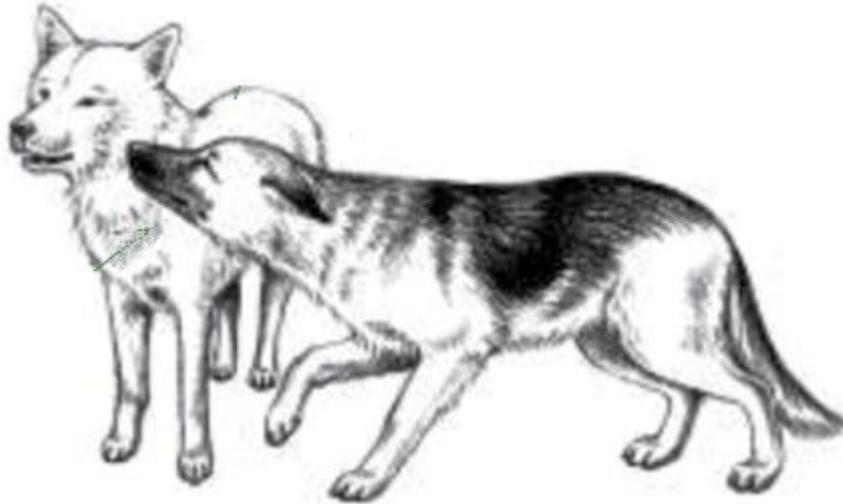
Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de cumprimentar

Ao se deparar com outros animais, o cão pode ser respeitoso e apresentar comportamento de não violência. Assim, pode agir da seguinte forma:

- Olhos parcialmente fechados e relaxados;

- Orelhas para trás;
- Cauda abaixada e patas levantadas;
- Contato com a boca do outro animal, podendo lambê-lo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Encontro inicial

Comportamento natural de encontro entre cães, quando se reconhecem por meio de ações próprias da espécie, como, por exemplo:

- Aproximação com as orelhas levantadas;
- Ao ser reconhecido, o cão pode permanecer parado e com as orelhas abaixadas.
- É natural que os animais cheirem uns aos outros.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

c. Linguagem corporal de gatos

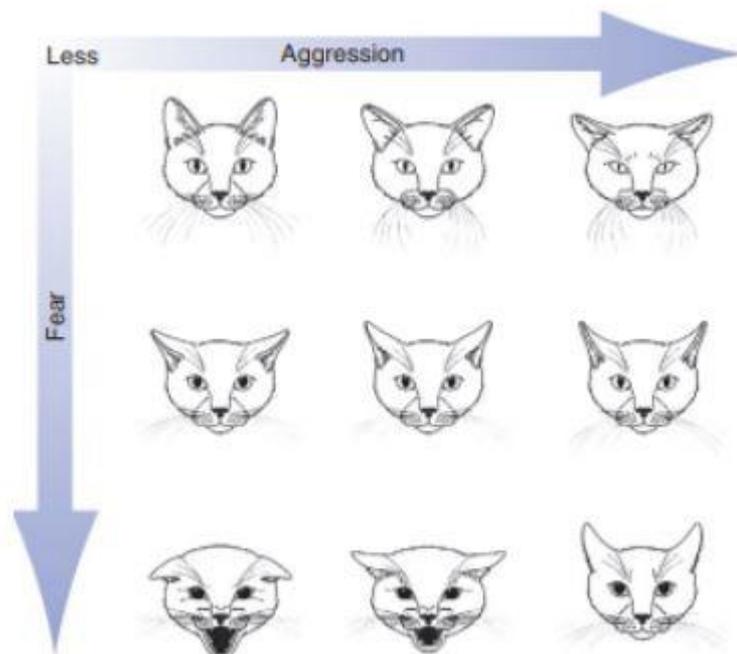
Por meio de sua linguagem corporal, o felino se expressa de acordo com o que está sentindo em relação ao ambiente no qual se encontra e aos demais animais. Os gatos demonstram a linguagem corporal de acordo com o seu estado físico, emocional e com as influências ambientais em que está inserido. Dessa maneira, é possível identificar o status comportamental do gato

através de sua postura corporal e alterações faciais, sendo essas manifestações relacionadas à posição das orelhas, contração ou não das pupilas, formato da língua ou expressão do rosto como um todo. Abaixo serão descritos mais detalhadamente as expressões faciais e corporais dos gatos.

Expressões Faciais dos Gatos:

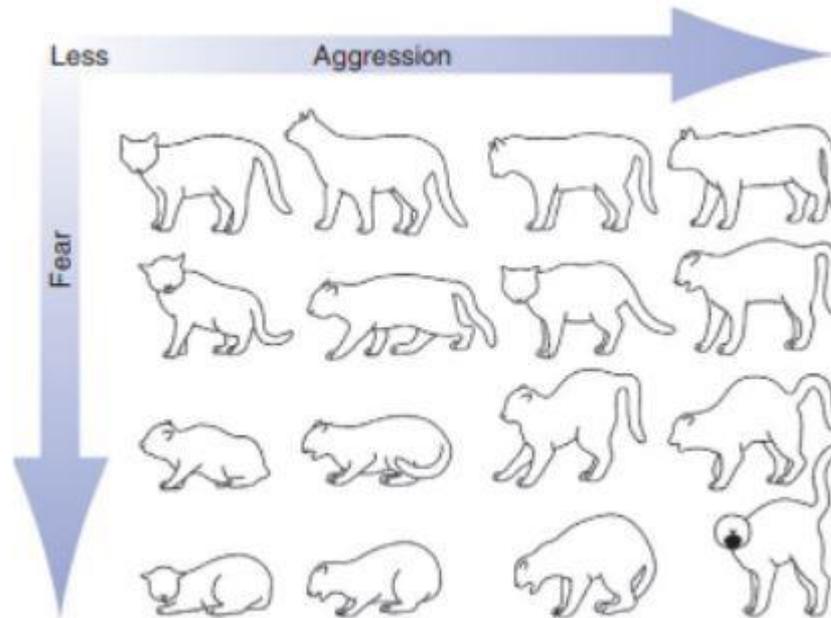
Expressão facial, olhos e orelhas

- Relaxado – pupilas estreitas;
- Medo/estresse - pupilas dilatadas;
- Agressivo-defensivo (gato com medo, que evitará o conflito se possível, a tensão se reflete em toda a musculatura da cabeça, as orelhas encontram-se abaixadas para o lado e os olhos podem estar abertos ou semicerrados, em midríase, além da boca, geralmente aberta);
- Agressivo-ofensivo (gato com a pupila estreita (miose), orelhas voltadas para trás e abaixadas, a boca do gato pode estar aberta ou fechada).



Fonte: Adaptado por Bowen e Heat, 2005 de Leyhausen et al., 1979.

Expressões corporais dos gatos

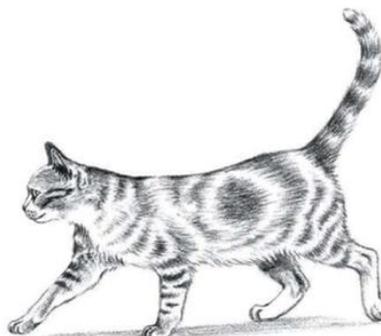


Fonte: Adaptado por Bowen e Heat, 2005 de Leyhausen et al., 1979.

As expressões corporais devem sempre estar situadas em um contexto, levando em consideração o aprendizado do animal, pois existem mímicas que se repetem, tanto em situações de medo, quanto em momentos descontraídos ou divertidos.

Um gato relaxado e seguro

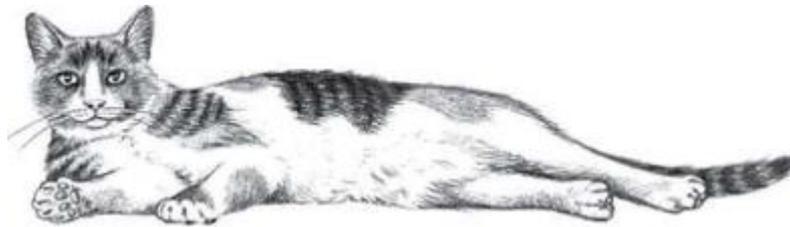
- Marcha relaxada;
- Comportamento de exploração do ambiente;
- Cauda elevada e ereta;
- Orelhas para frente e eretas;
- Pupilas em estado normal (isocoríase - pupilas nem dilatadas e nem contraídas e com diâmetros iguais).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Confortável no ambiente

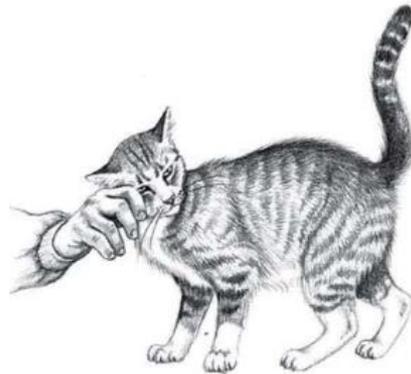
- Apresenta-se deitado lateralmente ou de costas e com a barriga exposta;
- Cabeça erguida;
- Orelhas eretas;
- Pupilas semidilatadas;
- Bigodes relaxados;
- Movimentos de afogar com as patas (movimentos de exposição e retração das garras, fazendo pressão das patas alternadamente e de forma intermitente).



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de aproximação e marcação de território

- Esfregar a cabeça;
- Queixo e boca em uma pessoa ou objeto, além das patas, para liberação de feromônios.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Postura Defensiva/Distanciamento Social

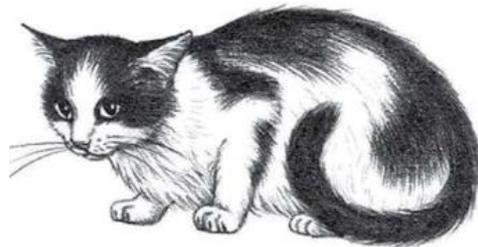
- Arqueamento do dorso;
- Balança a cauda;
- Pelos eriçados;
- Pupilas dilatadas;
- Orelhas abaixadas para trás;
- Bigodes voltados para trás.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Ansioso

- Aspecto de tensão;
- Diminuição da postura (agachamento);
- Cauda mantida perto do corpo;
- Exposição das garras;
- Pupilas dilatadas;
- Orelhas em constante movimentação.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição ofensiva

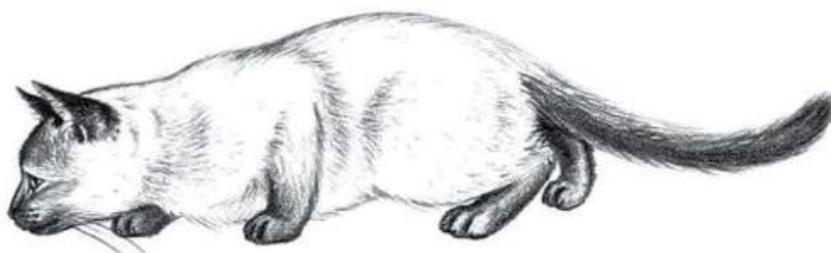
- Orelhas abaixadas e voltadas para trás;
- Cabeça e pescoço voltados contra o corpo;
- Músculo faciais tensos;
- Pupilas dilatadas;
- Exposição dos dentes;
- Exposição das garras;
- Patas em posição de ataque (patas levantadas e flexionadas);
- Contato visual direto;
- Bigodes apontados para o oponente;
- Cauda faz movimentos frente-trás ou fica rígida e estendida caudalmente com a ponta a apontar para o chão.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Posição de caça

- Orelhas voltadas para frente;
- Músculos tensos;
- Parte traseira abaixada;
- Alternância de apoio entre as duas patas traseiras.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

Comportamento de auto higiene

- Lambem todas as partes do corpo.



Fonte: Weiss, E.; Mohan-Gibbons, H. e Zawistowski, S., 2015.

d. Como se aproximar dos animais

Observe todo corpo do animal: ouvidos, boca e a tensão na face. Olhe para a posição do corpo e cauda juntos, isso dará uma leitura mais precisa. Se, a qualquer momento, você não tiver certeza do comportamento do animal, não se aproxime e converse com um funcionário do abrigo

para pedir auxílio. Uma compreensão da linguagem corporal do animal assegura o bem-estar deles e das pessoas e/ou outros animais no ambiente.

O vídeo sobre Introdução ao Manejo Etológico Canino, criado pelo Instituto de Medicina Veterinária do Coletivo (IMVC/ITEC) e pela *World Animal Protection* (WAP), está disponibilizado no QR code abaixo.



e. Como evitar brigas e mordidas

Brigas entre cães

- NÃO tente separar os cães;
- NÃO pegue nas guias;
- Nunca se coloque entre os cães;
- Se você tiver o controle da guia, segure-a e chame a equipe.

Agressão cão - pessoa: cão sem coleira

- NÃO corra! Mantenha a calma e se mova devagar;
- Evite olhar fixamente nos olhos do animal e vire seu corpo;
- Cruze os braços devagar e fique com as pernas juntas, permanecendo estático igual a um poste;
- Pegue um punhado de guloseimas, caso as tenha, e, lentamente, jogue-as longe de você;
- Chame uma pessoa da equipe.

Lembre-se: Agressão + Agressão = Mais agressão!

Agressão cão - pessoa: cão com coleira

- Enrole a coleira em um objeto para manter o animal longe de você, como, por exemplo, através de uma porta ou de uma árvore;
- Mantenha seus braços rígidos e a coleira curta o suficiente para que o animal não possa alcançar suas pernas ou mãos;
- Ligue para uma pessoa da equipe.

Esteja ciente das relações com os animais, em nenhum momento um animal deve ser atacado.

As “5 chaves para evitar mordeduras”, pela *World Animal Protection*, podem ser acessadas no QR code ao lado.



f. Manejo de mordidas

As mordidas de animais são sempre um risco durante o voluntariado no abrigo. Com cautela e treinamento adequado, a maioria das mordidas são evitáveis. No entanto, caso a mordida aconteça:

- Relate imediatamente ao gestor do abrigo;
- Lave a ferida com sabão (detergente) e água corrente e sempre procure cuidados médicos adicionais;
- Preencha um relatório de incidentes com a equipe, na recepção de adoção. É importante incluir os detalhes que levaram à mordedura.

V. Momentos de reflexão

Questionamentos como “O meu trabalho voluntário transforma?” e “Estou deixando um legado para o abrigo?” são de fundamental importância.

A prática voluntária deve gerar benefícios para todos os envolvidos: voluntários, animais e gestores, além de buscar a transformação agindo com consciência e consistência. Para que isso aconteça, é fundamental que as equipes de voluntários realizem ações de forma sistemática, contínua e planejada. Só assim resultados significativos serão alcançados.

VI. Sugestões de Leituras

Se você – especialmente se for da área de medicina veterinária – quiser ter mais contato com a Medicina Veterinária do Coletivo e a Medicina de Abrigos, sugere-se a leitura das seguintes obras:



Além disso, a parceria entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR), com o programa de residência em Medicina Veterinária do Coletivo, e o Instituto PremieRpet® auxilia o desenvolvimento da Medicina de Abrigos no Brasil, fomentando, também, pesquisas e a produção de diretrizes e protocolos que estão disponíveis nos seguintes canais:

1. Canal do YouTube da “Medicina Veterinária do Coletivo”, acesso pelo *QR code* abaixo.



2. Site da Medicina Veterinária do Coletivo da UFPR, acesso pelo *QR code* abaixo.



3. Site da PremieRpet®, acesso pelo *QR code* abaixo.



VII. Referências

- ARRUDA, E. C.; NORONHA, J.; MOLENTO, C. F. M.; GARCIA, R. C. M.; OLIVEIRA, S. T. Características relevantes das instalações e da gestão de abrigos públicos de animais no estado do Paraná, Brasil, para o bem-estar animal. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 71, n. 1, p. 232-242, 2019.
- ASV. The Association of Shelter Veterinarians. **Guidelines for Standards of Care in Animal shelters**, 2010. Disponível em <https://www.sheltervet.org/assets/docs/shelter-standards-oct2011-wfoward.pdf>. Acesso em 5 ago 2020.
- BOWEN, J.; HEATH, S. Behaviour problems in small animals: practical advice for the veterinary team. **Elsevier Health Sciences**, 2005.
- BRASIL. Lei nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998. Dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa**, Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19608.htm. Acesso em 02 jul 2020.
- CALDERÓN, N.; MEJIA, C.; GONZÁLEZ, J. C. Comportamento animal e bem-estar: problemas e soluções. In: GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. F. **Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas**. 1. ed. São Paulo: Integrativa, p. 290-309, 2019. ISBN: 978-65-80244-00-3.
- FAWC (Farm Animal Welfare Council). **Farm Animal Welfare in Great Britain: Past, Present and Future**, 2009. Disponível em: https://assets.publishing.service.gov.uk/government/uploads/system/uploads/attachment_data/file/319292/Farm_Animal_Welfare_in_Great_Britain_-_Past__Present_and_Future.pdf. Acesso em: 16 jun 2020.
- GALDIOLI, L.; FERRAZ, C. P.; LIMA, L. C. F.; GARCIA, R. C. M. Medicina de abrigos – desafios e avanços no Brasil. **Revista Clínica Veterinária**, v. 144, p. 28-34, 2020.
- GARCIA, R. C. M. Introdução à medicina de abrigos. In: GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. F. **Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas**. São Paulo: Integrativa, p. 274-286, 2019. ISBN: 978-65-80244-00-3.
- GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; FERREIRA, F. Consolidação de diretrizes internacionais de manejo de populações caninas em áreas urbanas e proposta de indicadores para seu gerenciamento. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 32, n. 2, p. 140-144, 2012. doi: 10.1590/S1020-49892012000800008.
- GARCIA, R. C. M.; VIEIRA, A. M. L.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. F. Como nasceu a Medicina Veterinária do Coletivo (MVC)? In: GARCIA, R. C. M.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. F. **Medicina veterinária do coletivo: fundamentos e práticas**. 1. ed. São Paulo: Integrativa, p. 10-23, 2019. ISBN: 978-65-80244-00-3.
- HASEGAWA, M.; OHTANI, N.; OHTA, M. Dogs' Body Language Relevant to Learning Achievement. **Animals** 2014, 4, 45-58. <https://doi.org/10.3390/ani4010045>
- ICAM. International Companion Animal Management Coalition. **Guía para el manejo humanitário de poblaciones caninas**. Disponível em <https://www.icam-coalition.org/wp-content/uploads/2019/09/ICAM-ManejoHumanitario-2020.06.21.pdf>. Acesso em 5/8/2020.
- INSTITUTO DE HIGIENE E MEDICINA TROPICAL. **COVID-19: Lavagem e desinfecção das mãos**. Universidade Nova de Lisboa. Disponível em: <https://www.ihmt.unl.pt/covid-19-lavagem-e-desinfecao-das-maos/>. Acesso em 02 mar 2021.
- LEYHAUSEN, P.; ...; TONKIN, B. A. **Cat behaviour. The predatory and social behaviour of domestic and wild cats**. Garland STPM Press, 1979.
- LIMA, T. C. F.; GARCIA, R. C. M. Diagnóstico situacional de abrigos. In: GARCIA, R.; CALDERÓN, N.; BRANDESPIM, D. **Medicina Veterinária do Coletivo: Fundamentos e Práticas**. Ed. Integrativa, ed 1, São Paulo, 506p, 2019.
- MAUSSON, L. F. T. Zoonoses Urbanas. In: GARCIA, R. C. M.; GALDIOLI, L.; BRUGNEROTTO, M. **Manual para Agentes Comunitários da Saúde**. Recursos Educacionais Abertos – UFPR, jun 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/67268>. Acesso em 20 ago 2020.

MILLER, L.; ZAWISTOWSKI, S. **Shelter medicine for veterinarians and staff**. 2. ed. Iowa: Wiley-Blackwell, p. 744, 2013. ISBN: 978-0813819938.

OMS – Organização Mundial da Saúde. **Zoonoses**, 2016. Disponível em: <http://www.who.int/topics/zoonoses/en/>. Acesso em 30 de set de 2020.

SOUZA, F. P. **Guia técnico para construção e manutenção de abrigos e canis**. Curitiba: CRMV-PR, p. 35, 2016.

WEISS, E.; MOHAN-GIBBONS, H.; ZAWISTOWSKI, S. (Ed.). **Animal behavior for shelter veterinarians and staff**. John Wiley & Sons, 2015.

WEBSTER, J. Animal welfare: Freedoms, dominions and “a life worth living”. **Animals**, 6.6: 35, 2016.

VIII. Anexos

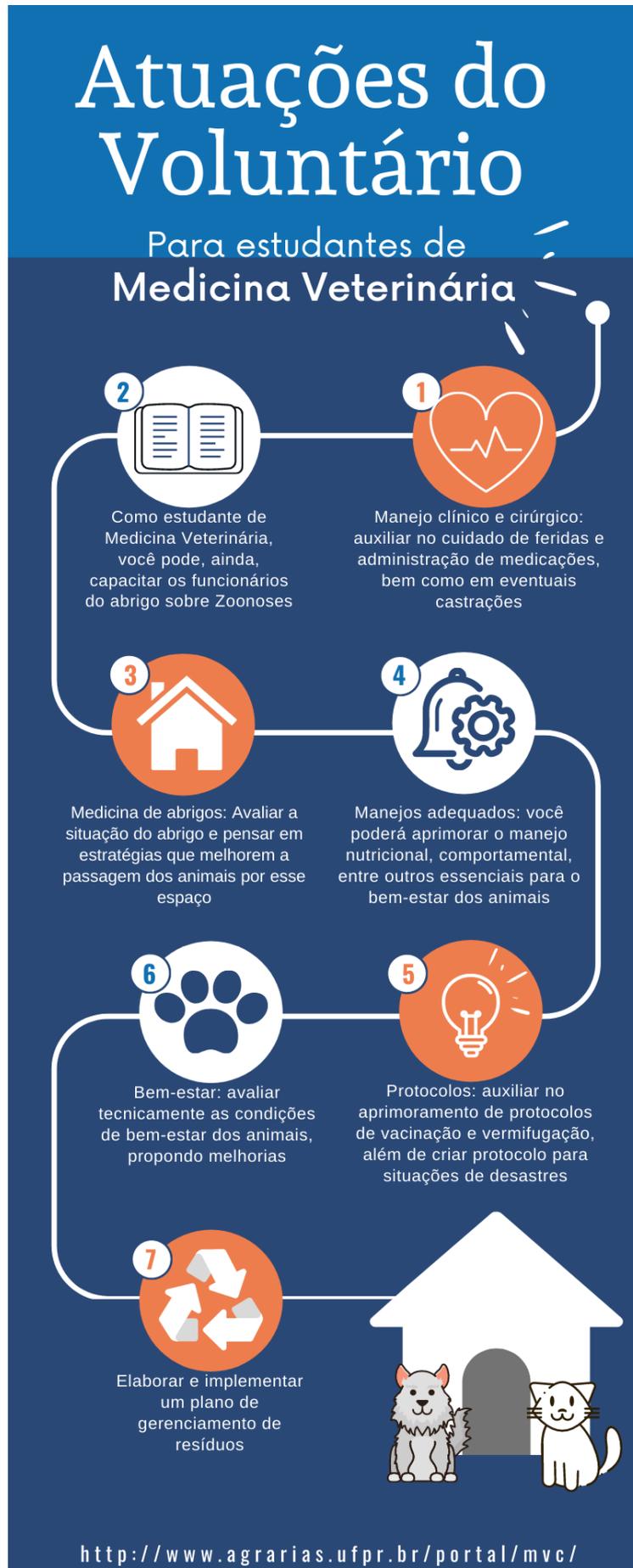
Anexo 1 – Termo de Adesão.

V O L U N T Á R I O	Nome Completo:		
	RG No:	Órgão Expedidor:	CPF
	Data de Nascimento:	Nacionalidade:	
	Estado Civil:	Profissão:	
	Endereço Residencial: (logradouro, no, bairro, cidade, UF e CEP)		
	Telefone:		
	A atividade que escolhi como Voluntário(a) é a de _____ com disponibilidade de _____ horas semanais.		
E N T I D A D E	Denominação:	CNPJ no:	
	Endereço: (logradouro, no, bairro, cidade, UF e CEP)		
	Área de Atuação:		
<p>Pelo presente Termo de Adesão, decido espontaneamente realizar atividade voluntária nesta organização, ciente da Lei no 9.608, de 18/02/1998, que declara que o mesmo não é atividade remunerada, não representa vínculo empregatício nem gera obrigações de natureza trabalhista, previdenciária ou afim. Ainda, declaro ciência de que eventuais danos pessoais ou materiais no exercício do voluntariado não serão imputados à entidade, já que assumo integral responsabilidade pelos riscos</p> <p>Porto Alegre , _____ de _____ de _____</p> <p>Voluntário: _____ (Assinatura)</p> <p>Entidade: _____ (Assinatura do Representante Legal da Organização Conveniada)</p> <p>A partir desta data, por decisão própria, encerro minha atividade voluntária nesta Entidade.</p> <p>(município), _____ de _____ de _____</p> <p>_____</p> <p>(Assinatura)</p>			

Anexo 2 – Funções Gerais Voluntários em Abrigos de animais.



Anexo 3 – Funções Gerais Voluntários estudantes de Medicina Veterinária em Abrigos de animais.





PROJETO **MEDICINA**
VETERINÁRIA
DE ABRIGOS



Medicina Veterinária do
Coletivo-UFPR